

Redacção e Administração:

RUA D. ANTONIO BARROSO, 63-1.º — BARCELOS

Director, proprietario e editor

Antonio Balazar

Anuncios: linha 40 réis; repetição 30 réis

Assinatura: trimestre (12 números) 360 réis

O RADICAL

AOS NOSSOS LEITORES

Circunstancias várias, entre as quais avulta a que adeante indicaremos, determinaram nesta semana um grande atrazo na publicação do nosso jornal.

Em breves dias, o director do «Radical» deixa de residir em Barcelos, e tem, por consequência, de deixar a direcção do jornal.

Sendo impossivel remediar de já a dificuldade desse lamentavel facto resultante, vemo-nos forçados a, muito a nosso pesar, suspender-se a publicação do «Radical».

O periodo de suspensão será curto: reaparecerá nos primeiros dias do mez próximo, e completamente remodelado.

Um candidato

O snr. dr. Manoel Monteiro propõe-se a deputado pelo circulo eleitoral de Barcelos.

A candidatura de s. ex.^a foi em tempos aceite pelo partido republicano local.

Isto mesmo aqui se escreveu—vai há tres mezes.

Alguem que não podemos precisar, aventou ao nosso illustre correlegionario, coronel Simas Machado, a candidatura do snr. dr. Manoel Monteiro. Sobre este assunto houve entre aquêlê nosso amigo e o presidente da comissão municipal, dr. Cardoso de Albuquerque, troca de correspondencia, da qual resultou haver-se garantido ao snr. ministro do interior que o partido republicano desta vila não se opunha á candidatura do dr. Manoel Monteiro, antes a indicaria gostosamente.

E era esse o pensar unanime de todos os nossos correlegionarios.

Em dois de junho, data da ultima carta, o partido republicano tinha, pois, o seu candidato: o dr. Manoel Monteiro.

Disponha-se, portanto, a comissão municipal republicana a propôr á sanção do directorio, na época propria que vai correndo, o nome de s. ex.^a E esperava que o snr. Manoel Monteiro viesse depois a Barcelos fazer a sua apresentação aos eleitores para êles ouvirem e certificarem do seu programa e intuitos politicos como representante do circulo de Barcelos.

Era ainda natural que sua ex.^a cooperasse com a comissão municipal republicana nos trabalhos da eleição—dando d'est'arte salutar exemplo de disciplina partidária e obediencia á lei organica que todos devemos respeitar, e fazer respeitar, nas suas mais insinificantes disposições.

Nem de outra forma se compreende a attitude de quem, como sua ex.^a, para se propôr a deputado julgou imprescindivel o apoio e proposta da comissão politica local.

Quiz-nos parecer, tambem, que o snr. dr. Manoel Monteiro ao seguir para a sua candidatura as normas indicadas pela lei organica do partido, teve o fim de ensinar o caminho legal

e recto a todos quantos se obstinavam em não reconhecer a autoridade da comissão politica e perante ela, sem nucleos formados, prestarem profissão de fé, sincera e desinteressadamente.

A candidatura do snr. dr. Manoel Monteiro estava sendo extremamente simpatica ao partido republicano, pela previsão apontada.

Mas bem fugás foi essa simpatia, que a fez perdêr totalmente a posterior attitude do snr. dr. Manoel Monteiro.

Vejamos:

Quem nomeou administrador do concelho, o nosso illustre correlegionario dr. Cardoso de Albuquerque, foi sua ex.^a—conformando-se com as razões de ordem politica que a comissão municipal lhe apresentou.

Deixa o snr. dr. Manoel Monteiro o governo civil de Braga; e o seu antecessor, sem considerações de especie alguma por aquêlê nosso amigo, e atraçoando os fundamentais principios do partido republicano, aliás confirmados na moção votada no «Centro Democratico» de Lisboa, o demite do lugar para que o houvera nomeado o snr. dr. Manoel Monteiro.

As comissões politicas protestaram, e como o governo sancionasse a attitude da autoridade do districto—abstiveram-se de cooperar na politica do governo.

Em paga foram dissolvidas.

E d'aqui?

Tendo o snr. dr. Manoel Monteiro mostrado sêr um homem de principios, devia colocar-se ao lado da comissão politica.

E então?

O snr. dr. Manoel Monteiro esqueceu-se depressa que era o candidato do partido republicano local.

Não procurou entender-se com a comissão politica; desprezou o apoio que ela lhe garantira gostosamente.

A poucos dias das eleições, sua ex.^a ainda não se apresentou aos eleitores deste circulo, expondo-lhes o seu programa. Nem tam pouco o fêz perante a comissão politica—hoje que as circunstancias impoem ao snr. dr. Manoel Monteiro dizer o que pense sobre a marcha da politica local, e especialmente da attitude do directorio contra as comissões, municipal e parochiaes.

Sim; que as comissões estão no di-

reito de concluir que é contra elas quem por elas não fôr.

Tanto mais sabendo-se que trabalham para a candidatura do snr. dr. Manoel Monteiro certos caciques monarchicos, mascarados de republicanos, que se têm farto de menos presar o mais alto corpo directivo do partido republicano local.

Está posto o dilema: ou o snr. dr. Manoel Monteiro é um homem de principios, verdadeiro democrata, e coloca-se ao lado das comissões politicas para poder sêr o legitimo candidato official do partido republicano; ou preferê deixar-se eleger pelas influencias monarchicas que apoiam o snr. governador civil, e como ele fará obra anti-democratica por escandalosamente imoral.

Quem não é por nós, é contra nós—nem mais, nem menos.

Respigando...

CONCURSO ENCRAVADO

Porque será que a comissão municipal administrativa não pôs ainda a concurso o lugar de medico municipal, vago há tanto tempo?

A dár-se crédito ao que por aí se diz, o motivo não é muito airoso para o cidadão que a ela preside.

Pena é sêr necessario recorrer a tais expedientes.

A coisa fazia-se com maior limpezinha, se a Republica permitisse aos vereadores nomearem-se a si proprios.

E assim não teriamos vago o lugar de medico municipal.

E' o caso.

PROCESSOS ELEITORAIS

A Rotandade, de Braga, fêz-se eco do seguinte: «Informam-nos que se movem altas influencias para libertar os snrs. Aparicio Miranda e Adriano Aragão, principalmente este ultimo. Afirma-se até que está em jogo a candidatura do snr. Manuel Monteiro no visinho concelho d'Amares, isto é: ou o snr. Aragão é posto na rua ou será retirado o apoio ao candidato governamental.

Estamos a ver... hein?»

Fômos sempre contra tais processos politicos que em si significam uma verdadeira traição á Republica.

Esperar com os conspiradores como por aí se está vendo é tactica que desprestigia o regimen, e cria desalento nos bons e sinceros republicanos, dispostos a defendê-lo até á ultima gota de sangue.

Em troca de votos dár-lhes a liberdade é uma nefanda depravação que a Republica não pôde consentir, pois dentro d'ela não deve fructificar o caciquismo.

Ou isto não é o que prometiamos ao povo.

CA COMO LÁ

Justificando a dissolução da camara de Cintra disse o «Mundo»: «proclamada em 5 de outubro, estava ultimamente a funcionar com quatro ou cinco regais, succedendo até algumas vezes que o vice-presidente em exercicio desempenhava o cargo de administrador do concelho cumulativamente. Passavam muitas somanas seguidas sem que houvesse sessões, pois a proclamada comissão nunca teve substitutos! Ora foi esta a razão principal do parecer da Procuradoria Geral da Republica, com o qual o illustre ministro do interior se conformou. Evidentemente a camara não podia funcionar legalmente da forma como estava constituída.»

Se não aorescessem outros motivos de boa moralidade administrativa, por essas devia tambem sêr dissolvida a nossa camara.

Funciona mal e ilegalmente, dentro da propria doutrina do «Mundo» que não deve ser suspeito ao snr. governador civil.

Mas porque não se propoe a dissolução?

Não a querem os caciques republicanos locais que são quem tudo manda.

E lembrar-se a gente que é o velho partido republicano, de honrosas tradições, quem nos governa!

A CONSPIRATA

A ultima conspirata monarchica teve, como é sabido, ramificações pela provincia.

Do complot de Visou conhecem-se promotores interessantissimos, revelados pelos documentos apreendidos ao paroco de Abravozes, José de Paiva Coelho.

Apanhou-se um exemplar de «instruções secretas» que, entre muitas disposições, contém esta:

«Depois dirá que tambem não compreende como, andando n'outro tempo os republicanos a dizerem que os monarchicos eram ladrões, não os têm prendido nem processado. Isto prova que bu mentiam, o que é mais certo, para illudir o povo, ou estão feitos com elles.»

Forçoso é confessar que há um certo fundo de verdade nas palavras de acima.

Realmente acusamos a monarchia com espantoso ardôr e não pôde disêr-se que mentiamos. O regimen monarchico desconhecituiu-se estrondosamente com uma serie infinita de alcavalas, roubos e quejandas iniquidades.

Porque é, então, que a Republica não castigou os prevaricadores?

A razão é bem simples: em vês de sêr implacavelmente justiciora saneando o ambiente politico, agasalhou todos os mariolões da monarchia fazendo-lhes o jogo para apanhar-lhes os votos.

Não que a Republica tenha culpa, mas os máes republicanos que a servem, o dêram em formar partidos á semelhança das antigas clientelas.

E' triste mas assim mesmo. E sê-lo-á continuamente se o povo não acordar expulsando os vendilhões do templo.

OS PRESOS POLITICOS

A «Alvorada», de Guimarães, insere no ultimo numero uma interessante entrevista—com um padre, ultimamente indultado, que soffrêra á condenação a pena maxima por conspirar contra a Republica.

O padre—ao passo que foi unanime em elogiar a maneira como a Republica trata os presos politicos, teve palavras de justissima censura para tres seus colegas no sacerdocio, tão conspiradores como elo, que foram as piores testemunhas de accusação.

Reitor de Travassós; paroco de Alvim; e paroco de Vila Cova, do concelho de Fafe—os insignes tonsurados que não hesitaram em comprometer, de forma tão grave, um seu companheiro na conspiração.

De um, referiu o padre entrevistado: «—Olhe: lembro-me, por exemplo, do paroco de Vila Cova afirmar no tribunal que até me aconselhara a que me deixasse de conspirações, etc.; quando a verdade é que em antes da «coisa» ter falhado, nós tinhamos sobre o assunto entendimentos!»

Sirva isto de exemplo a todos quantos se delixam ingenuamente aliciar, acreditando na boa fé dessas almas negras e pequeninas que são as primeiras a comprometê-los, transformando-se nós maiores carrascos.

Abra o povo os olhos, se não quere sêr eterno ludibrio de vis exploradores.

GRALHAS

Por um descuido, que bem compreenderá quem souber o que é a lufa-lufa dumá revisão de provas, saíu sem sêr a revista a meia dusia de linhas por nós escritas a preceder a entrevista transcrita do «Seculo», de um seu redactor com o nosso presado amigo e talentoso colaborador dr. Nuno Simões.

Por infelicidade, as gralhas desse bocado de má prosa eram em tal numero e de tal qualidade que lhe tiravam todo o sentido.

Ora para escrevermos mal não necessitamos do auxilio dos tipógrafos; basta bem o que nos saí da pena... E para que se saiba que ainda não endoidamos e, portanto, não escrevemos o que apareceu, reproduzimos essa parte devidamente emendada:

O «Seculo» publicou, há dias, uma entrevista dum dos seus redactores com o nosso presado amigo e talentoso colaborador, sr. dr. Nuno Simões, sobre o assunto indicado nas suas epigrafes, que são as de cima. Trata-se de Famalicão, o fertilissimo e rico concelho minhoto, mas nem por isso deixa a iniciativa, que, na entrevista, o dr. Nuno Simões refere, de interessar igualmente ao nosso concelho, como a toda esta vasta região do Minho, que na agricultura, e só nela, pode buscar e haurir novas energias de vila.

Assim, a transcrevemos, e mais especialmente para vêr-se se lograremos a ventura de despertar nos barcelenses um pouco de entusiasmo que os conduza a aproveitarem o utilissimo exemplo dos nossos visinhos famelicenses; desde a fundação do sindicato, que tão excellentes servicos sabemos ter prestado á agricultura concelhia, até á realização annunciada do grandioso e imponente certamen regional.

Segue, na íntegra, a entrevista inserta no «Seculo»:

Foi isto o que tinhamos escrito.

Ora não vá o diabo armá-las e sair desta vês ainda pior.

Dr. Domingos de Figueiredo

Mais um diplomado em direito, saído este ano da universidade de Coimbra, a quem temos de dedicar palavras de homenagem, e menos até por dever da boa e velha amizade e estreitos laços políticos que nos unem, do que pelo direito que para tal lhe conferem as suas apreciabilíssimas faculdades de espirito e inteligência.

Nem precisa o novo bacharel que estas lhe encareçamos, porque a sua valia não é desconhecida em o nosso meio, onde sempre tem brilhado por forma a distinguir-se.

A sua carreira académica honra-o, desde os liceus até á universidade, e é já por si propria a melhor garantia do lugar de honra que na advocacia ha-de conquistar.

Felicitemo-lo muito sinceramente, fazendo votos pelo seu triunfo.

ANTONIO BALTAZAR
ADVOGADO

R. D. Antonio Barroso, 63
BARCELOS

O mês agrícola

NOVEMBRO

Jardins.—Arrancam-se as plantas anuais que cessaram de florir.

Principiam as plantações das especies robustas de arbustos e arvores de ornamento.

Fazem-se as mudanças que se julgar convenientes.

Arrancam-se os tuberculos das dalias, separam-se e dividem-se as plantas vivazes, e plantam-se narcisos, jacinthos, tulipas, crocus, anemonas, ranunculos da Persia e borboletas.

Quanto ás plantações, observaremos que, para a transplantação das especies delicadas e de raizes capilares, será bom esperar pela primavera, para que as raizes não sofram com o inverno. A mesma recomendação póde ser applicada ás Coníferas.

Nos jardins encontram-se unicamente alguns crisântemos ou fracos rosas de Bengala.

As camelias principiam a desabrochar com muita força.

Estufas.—Além da conservação do calor, pouco ha a fazer neste mês. Suspende-se as regas aos caladios, begonias, gesneriaceas e gloxinias, salvo ás que vegetam no inverno, sem, contudo, as deixar secar completamente.

Hortas.—O frio, posto não seja demasiado, já se faz sentir bastante e, portanto, devemos-nos prevenir com abrigos e esteirões para resguardar as culturas delicadas e as sementeiras das plantas que na primavera hão de guarnecer os alegretes bem expostos e os sopés dos muros.

Quem usar das camas, deve montá-las agora.

Continuam as cavas nas terras fortes e argilosas, a fim de que a neve, penetrando-as, as desfaça e mobilise bem.

Planta-se espargos e limpa-se os quarteiros dos que estiverem plantados, deitando-lhes por cima uma camada de folhas e estrume, para que a neve os não danifique muito.

Apanha-se todas as raizes que não podem passar o inverno na terra.

Semeia-se ervilhas e favas. Planta-se alhos, alfaces, cebolas e couves.

Pomar e arvoredado.—E' a me-

lhora época da expedição de arvores de todas as qualidades, e tambem, com poucas excepções, a de se fazer todas as plantações. O sólo deve já estar pronto e, se ainda o não está, não deve haver demora na sua preparação.

Espalham-se adubos junto das arvores que teem de ser estrumadas, enterrando-os convenientemente.

Continúa a poda das arvores frutíferas, escolhendo sempre de preferencia as mais fracas e mais bem abrigadas.

Limpa-se as folhas secas ás arvores em latada e, se o tempo estiver bom, procede-se á limpeza das arvores cobertas de musgo, lichens, etc.

Termina a colheita das uvas para guardar, e que ficaram nas ramadas para amadurecerem melhor. O fruteiro continúa a estar completamente guarnecido.

Principia a importante operação da colheita da azeitona, trabalho que, infelizmente, é mal feito em quasi todo o país. A colheita do fruto antes da perfeita maduração, a grande demora depois de colhido e o modo barbaro de varejar as oliveiras, são operações que influem notavelmente sobre a má qualidade da maxima parte dos azeites.

A azeitona colhida antes de perfeitamente madura não rende tanto quanto deveria render, e a demora, depois de colhida, em grandes montões, fá-la aquecer e ganhar ranço, que, comunicando-se ao azeite, dá-lhe mau gosto; emfim, o uso de varejar as oliveiras é tanto mais barbaro, quanto a apanha feita por outro modo é benéfica e util. As arvores ficam completamente arruinadas, os braços quebrados, a casca ferida, e os ramos, que eram garantia para futuras colheitas, completamente perdidos.

Grande cultura.—Continuam as lavras das terras para as sementeiras de inverno.

Limpam-se as luzernas.

Os terrenos que houverem de ser arroteados, devem receber agora uma primeira lavra, se são de natureza argilosa.

OS MORTOS

Joaquim de Souza Neiva

Com a respeitavel idade de 85 anos, finou-se no ultimo domingo nesta vila o sr. Joaquim de Souza Neiva, antigo proprietario duma fabrica e estabelecimento de velas de cêra, e cavalheiro muito estimado em Barcelos pelas suas apreciaveis qualidades.

O funeral realizou-se na 2.ª feira com regular assistencia, conduzindo a chave do caixão o sr. Domingos José de Miranda.

Deixou testamento, legando a casa em que residia, na rua Direita, com tudo que contem dentro, ao sr. Matias Gonçalves da Cruz, com usufruto, porém, para uma senhora, pupila do finado, que com esta vivia.

A quinta de S. Martinho ficou para o sr. Antonio Guimarães.

O remanescente legou-o ao sr. dr. Antonio Martins Lima, cabendo porém o usufruto dumas insuções áquella mesma senhora a que acima nos referimos.

Artur Ferreira de Castro

Finou-se no Porto o tenente sr. Artur Ferreira de Castro, atualmente reformado, e que por largos anos serviu no batalhão aquartelado nesta vila.

A todas as familias enlutadas os nossos pesames.

Por falecimento de seu pai o importante proprietario sr. João Ribeiro Jorge, de Guimarães, encontra-se de luto o nosso amigo sr. dr. Alberto Ribeiro Jorge, a quem apresentamos as nossas sinceras condolencias.

O "Radical" literario

INSCRIÇÃO

«Tem já de longos e distanciados anos esta velha graça de bordar leões nos tapetes.»

(DUMA VELHA CRONICA)

*Meus versos, leões da Syria, estiolam nos tapetes,
Silenciosamente, ao calor dos rubins...
Graves, sem um gemido, escutam os minuets
que um Anjo musical arranca aos bandolins.*

*Gloriosas, triunfaes, tinindo braceletes,
passam sobre eles entre as rendas e os setins,
entre os risos da graça e o brilho dos floretes,
mil figuras ducaes, princesas e delphins...*

*Jóias, panneaux... visões! Na sua velha graça
todo um velho Passado acorda e sonha e passa
nos olhos dos leões—os vitraes da minha alma*

*E silenciosamente os meus versos de luar
Sonham—sem despertar, sem nunca despertar!
nos olhos—a visão da Morte, grave e calma!*

MARTINHO NOBRE DE MELO.

Do «Jardim do Crepusculo», a sahir do prelo.

A aparição

(TRADUÇÃO)

Jacques, o meu mais querido amigo, acabava de tornar a metter-se no barco á vela, de que minha mulher tinha o leme, enquanto eu nadava ainda, satisfeito com as caricias da agua, quasi tepida, mal se movendo.

Mas uma pouca de fadiga incitava-me a seguir o exemplo de Jacques: com uma braçada rapida, energica, meti direito ao barco...

Eu adorava minha mulher. Desposando-a, tinha tirado sua familia de muito precarias condições. Jacques, um com panheiro de infancia, devia-me a alta situação que occupava num grande banco inglez. O reconhecimento que me deviam aquelles dois seres aumentava ainda a minha afeição por elles.

Porque seria que, apesar dos meus esforços, não diminuia a distancia de mim para o barco?

Um efeito de optica, sem dúvida... Empreguei mais força nos movimentos dos meus braços. Avançava pela agua com muita rapidez, sem duvida, pois que, uma ponta de terra, que ainda agora me ficava oculta por traz d'um promontorio, apparecia já plenamente deante de mim.

Ergui a cabeça para o barco: Jacques tinha mudado a vela e fitava-me com uma expressão em que havia odio e medo! Marta segurava com uma das mãos o leme e com a outra ocultava os olhos. O barco fugia, diminuia... Em breve não seria mais que uma imperceptivel borboleta pousada ao longe sobre o Mediterraneo azul.

Gritei; a principio chamando, depois dirigindo supplicas e injurias... Por fim calei-me, veio uma vaga mais forte que me cobriu a cabeça e me fez entrar agua até á garganta...

Depois disso já não pude vêr o barco. Um subito golpe de vento fez levantar-se todo um círculo de ondas, como laminas agudas. De que lado estava a terra?... Fui sempre um bom nadador, mas começava a fatigar-me; cançava já, mal podendo respirar...

Avistei no extremo horizonte o cumme dum alto farol branco que conhecia muito bem... Uma corrente arrebatou-me para o alto mar... Estava perdido...

Tenazmente, lutei contra a fadiga sempre crescente, o esgotamento nervoso, a veemencia espantosa do mar. Uma esperança veiu repentinamente dar-me forças: um pequeno paquete surgia, deixando pelo espaço um tenue fiozinho de fumo. E não devia estar longe de mim, pois que eu distinguia já a sua triplice linha de escotilhas e o seu pavilhão levantado... Esgotei as ultimas forças a gritar...

Recuperei a razão num camarote do vapor para onde me recolheram no momento em que, debatendo-me contra a inconsciencia, começava a correr abandonado, pela agua...

Dei um falso nome ao capitão. Adiantaram-me o dinheiro necessario e desembarcaram-me no primeiro porto de esca-

la; que foi Dakar. Uma febre cerebral me fez ali conservar-me... Passo em silencio todas as angustias que se seguiram e que me fizeram obstinar-me em occultar a minha identidade.

Não voltei a França senão passado um anno.

Era considerado morto acidentalmente. Marta tinha herdado toda a minha fortuna e casou-se com Jacques. Um velho tio, que puz ao facto do meu segredo, forneceu-me alguns esclarecimentos.

Viver no odio, num desejo louco de vingança, é torturante. E' uma autointoxicação horrorosa... Conheço bem esse martirio.

Durante dois anos, sempre ignorado, vivi perto deles, espiei a sua existencia, segui as viagens que fizeram, vivi na sua atmosfera, assisti á sua ignobil felicidade; esperava uma ocasião, porque não queria matá-los... Queria... Sabia eu bem o que queria?...

No segundo verão, instalaram-se em Ouessant, que em bretão se chama Enz-Heussa, isto é—a ilha pavorosa; e bem merece essa denominação, aquella terra cujas costas horriveis, monstruosas, exprimem claramente o desespero, como se tivessem sido talhadas pouco a pouco pelos derradeiros olhares dos imensos naufragos que pereceram junto delas. A' noite, aquella ilha nua, guardada por rochas pavorosas, onde mal lutam contra as trevas e a bruma os lumes de dois faroes, produz nos mais valentes o suor glacial do terror...

Uma noite eles saíram depois do jantar. Deixei o tugurio onde me abrigava e segui-os.

Dirigiram-se para a atmosfera aspera da maré vasante, para o odor dos algas. Chegaram a uma pequena baía onde a custo a lua traía a agitação lenta das vagas.

Ali desprenderam um barco de pescador cuja vela, ainda me recorda, era vermelha.

Jacques empurrou-a. E então foram até ao meio da pequena baía; ancoraram aí, não querendo evidentemente aventurar-se a mais algumas centenas de metros da perigosa costa.

Amorosamente, gosavam o esplendor misterioso, selvagem, daquela noite bretã.

O vento rumorejava ligeiramente aos meus ouvidos, estonteava-me. Um negros silhuetas de rochas com formas humanas, de braços levantados, me cercavam. Escorreguei numas algas úmidas. Ao longe, no nevoeiro, o grande farol de Creach parecia um gigante que tivesse valsado no mesmo lugar, afastando de si os seus imensos braços luminosos. Longe, um cão uivava, uivava...

Então, surgiu-me a ideia... Rapidamente, automaticamente quasi, despi-me.

Entre no mar e tremendo, apesar da agua estar quasi quente, cheguei até uns vinte metros do barco.

Aí, com uma voz que a emoção, o horror, tornavam lugubre, que a mim proprio horrorisava, chamei duas vezes:

-- *Maa-ar-tal! .. Maa-ar-tal! ..*
 Havia o luar bastante para que eu visse, para que eu saboreasse o espanto abominável que contorceu os seus rostos! Mas perto, desta vez, chamei atrocemente:
Jaa-acques! .. Socorro! ..
 E finalmente, agarrando-me a um lado do barco, ergui-me.
 Apareci-lhes a meio corpo, ofegante, os cabelos caídos, afogado espectral, e implorrei-lhes:
 -- *Deixem-me subir .. Estou cansado!*

Jacques? Lançou-se ao mar gritando; encontraram no dia seguinte o seu cadaver.
 Ela?.. Vou vê-la ás vezes, a um hospital de loucos.

Instrução Militar Preparatoria

Do nosso presado amigo e illustre official do exercito, capitão sr. Mancelos Sampaio, recebemos a seguinte carta:

Barcelos, 30 out. 1913.

Meu... Doutor,

Deve recordar-se que em maio do ano corrente, se fêz para a *Instrução Militar Preparatoria*, uma subscrição efectuada por um grupo dos meus ensinados de então, modificação um tanto forçada do meu projecto primeiro de, em consequencia de indicações superiores, lançar a ideia de se constituir em Barcelos uma *Sociedade de Instrução Militar Preparatoria*. Não vem ao caso agora falar de novo nos meus *chateaux en Espagne*, tanto mais que o meu passageiro periodo de ingerencia na *Preparatoria* passou, e consequentemente tambem o direito meu eventual de me intrrometer na vida alheia, visto como não sou da vila, nem sequer do Minho.

Em referencia á subscrição é que, tendo eu em tempo competente e em periodico local, apresentado os meus agradecimentos aos subscriptores, devo completar o agradecimento publicando, em tempo competente tambem e pelo mesmo meio, as *contas* respétivas organizadas pelo tezeoureiro da subscrição, o meu camarada Capitão Ferrás, braço direito do nosso batalhão em materia de administração; e é agora a occasião de *prestar contas* porque iniciado o novo ano escolar, fis ha pouco entrega do serviço do 2.º grau da *Instrução Militar Preparatoria* do concelho de Barcelos ao novo director alferes Vieira Fernandes, que recebe tambem o saldo da subscrição.

Bato ao ferrólho do seu *Radical*, por ter nos ultimos tempos para êle alinhavado por vêzes, umas curtas noticias militares. E esperando *ser recebido*, peço-lhe, doutor, me creia seu

muito atencioso,
 José de Mancelos Sampaio.
 Cap. inf. 8.

CONTAS da SUBSCRIÇÃO

RECEITA	
Total recebido	75\$26
DESPEZA	
85 barrêtes a \$33 (alfaiate Pimenta—Barcelos)	28\$05
100 emblemas a \$16 e recovagem (Costa Braga—Porto)	16\$10
30 pares de alpercatas a \$24 (Portela, A. L. Cunha—Barcelos)	7\$20
100 cadernetas a \$05 (Papellaria Fernandes—Lisboa) e transporte	5\$40
Medalha de prata, premio de tiro (Ourives Passos—Barcelos)	2\$50
Fita para a medalha e recovagem (Porto)	\$14
Impressos de recibos e papel (Centro de Novidades—Barcelos)	\$85
Um bloco de Notas—copiador (Papellaria Fernandes—Lisboa)	\$60
Pão para refeição na C. de Tiro e um sacco (Padaria Rodrigues—Barcelos)	1\$31
Sôma.	62\$15
Saldo a favôr.	13\$11
	75\$26

Barcelos, 25 de outubro de 1913.

Está conforme,
 Baltasar José Ferrás.
 Cap. de inf. 8

MONTE BANZÃO

Depósito em Barcelos: H. Coelho Gonçalves & Fonseca.

A melhor agua mineral de méza.

BARCELOS por DENTRO

VIDA MUNDANA

Fazem anos:

Hôje—as snr.ªs D. Georgina Monteiro Estêves e D. Ana Emilia Chaves Marques Sá Carneiro.
Amanhã—o snr. B. Antonio Barrôco.
Dia 8—o snr. Carlos Maria Vieira Ramos.

Pequenas notas:

Estêve no Pôrto o nosso amigo snr. Antonio Augusto de Oliveira.
 —De passagem para o Pôrto, estêve em Barcelos o delegado do Procurador da Republica de Espozende e nosso querido amigo snr. dr. José Belesa dos Santos.
 —Estêve em Famalicão o snr. Antonio Ferraz de Araujo e esposa.
 —Foi a Braga a snr.ª D. Helêna Peixoto, gentil dama barcelense.
 —Já se encontra em Barcelos o nosso amigo snr. dr. Domingos Figueirêdo.
 —Regressou de Lisboa o nosso amigo snr. alferes Belmiro Fernandes.
 —Afim de frequentar o Instituto Comercial partiu para o Pôrto o menino José Estavam Carmôna Gonçalves, inteligente filho do nosso amigo snr. Manoel Joaquim Coelho Gonçalves.

Faisca

Num dos ultimos dias da semana passada, caiu sobre a igreja paroquial da freguezia da Ucha, uma faisca electrica, produzindo alguns estragos na torre e ainda em parte da igreja.

Roubo

Na semana passada os gatunos roubaram tôdos os utensilios de lavoura pertencentes á quinta da Calçada, propriedade do snr. padre João de Vilasboas.

Foi apresentada queixa á autoridade administrativa, não se tendo ainda descoberto os gatunos.

Reunião do professorado

Comunica-nos o snr. Adelino Mendes da Cunha Vieira, professor da freguezia de Mariz, que na proxima quinta-feira deve ter logar no salão da Camara Municipal, pelas 13 horas, uma reunião do professorado do concelho para discutir-se os estatutos que ultimamente foram elaborados e ainda varios assuntos de interesse para a classe.

A todos os professores primarios foi dirigida uma circular a convidá-los para a referida reunião a que deverá presidir o snr. dr. Miguel Fonseca.

Dr. Luiz Ferreira

Por ordem superior, tomou conta da sub-delegacia de saúde o nosso amigo snr. dr. Luiz Ferreira, médico municipal que exercerá o cargo enquanto estiver enfermo o snr. dr. Antonio Martins de Souza Lima.

ENCICLOPÉDIA DE BANALIDADES

ANTIGUIDADE DA MAMADEIRA

Um arqueologo inglês, o professor Morby, publicou em tempos, uma curiosissima noticia, na qual demonstra que os romanos, os gregos, os egipcios, e, provavelmente, tambem os assirios e os babilonios, conheciam a mamadeira. As amas gregas tinham por costume, para dar de beber ás crias, servirem-se dum pequeno vaso de forma oblonga, cheio de leite temperado com mel. No velho cemiterio romano do Santo Sepulero, nos arredores de Cantorbéry, foi encontrada uma mamadeira de barro vermelho junto do caixão duma criança. E, mais recentemente, o professor Morby conseguiu decifrar, num dos vasos gregos do British Museum, uma inserção que não deixa duvida alguma sobre o uso a que tal vaso era destinado. Esta mamadeira data do VII seculo antes da era cristã.

A LUZ E AS COLHEITAS

O dr. Weis, de Copenhague, fez ultimamente curiosas experiencias no laboratorio de biologia vegetal, em Fontainebleau, de que M. Gaston Bonnier acaba de dar conta á Aoademia das Sciencias de Paris.

Trata-se de fazer uma classificção das plantas uteis ao homem e que, sob a influencia de uma dada luz, assimilem mais ou menos principios nutritivos, isto é, que possam produzir maiores colheitas.

Sob este ponto de vista, as experiencias realisadas são curiosissimas, pois que se vai descobrindo que tal ou tal planta, tal ou tal arvore pôde dar o maximo de assimilação exposta em pleno sol, enquanto outra, pelo contrario, carece de uma sombra relativa para oferecer uma produção maxima.

Estão, pelo que fica exposto, excitando a attenção da sciencia, diante da sua importancia futura,

as experiencias dos dois sabios naturalistas acima referidos, julgando-se desde já, com bons fundamentos, que a agricultura venha a receber dos novos estudos grandissimos lucros.

A BORRACHA

A borracha ou gôma elastica é o suco de certas arvores da America que se torna expesso ao contacto do ar; é móle e elastica a 0º, insolúvel na agua, solúvel no eter, nas essencias e no sulfureto de carbone; solda-se a si mesma pela simples união; molda-se em tubos e estira-se em fios. Vulcanizada, isto é, combinada com uma pequena quantidade de enxofre, mergulhada no enxofre fundido a 150º ou dissolvida em sulfureto de carbone, adquire uma elasticidade permanente a todas as temperaturas, mas perde a propriedade de se soldar a si mesma. Se a proporção do enxofre se eleva a um quinto do seu peso, torna-se dura como o marfim; pôde tomar um belo brilho e receber todas as formas. Os usos da borracha móle ou dura são inumeraveis. E' um dos inelhores isoladores da electricidade.

O AMENDOIM E A INSOMNIA

O amendoim está sendo actualmente aconselhado nos Estados Unidos aos tuberculosos e aos que padecem de insomniã, obtendo-se resultados maravilhosos.

E' sabido que o amendoim é rico de materias gordas e, portanto, não pode deixar de ser agente de superalimentação, tão necessaria aos affectados dos pulmões.

O inventor e propagandista do tratamento da insomniã pelo amendoim é um illustrado clinico norte-americano, que se serve do seguinte processo: Comer, mastigando lenta e completamente, cerca de 50 bagos de amendoim.

Os amendoins não são toxicos, não podem fazer mal, e nada se arrisca experimentando-se o facil e novo medicamento.

ANUNCIOS

EDITOS DE 30 DIAS

1.ª PUBLICAÇÃO

Pelo juizo de direito desta comarca de Barcelos, cartorio do escrivão do 3.º officio, dr. Porfirio Antonio da Silva, e nos autos de inventario a que orfanologicamente se procede por falecimento de Antonio Correia, que foi da freguezia de Balugães, desta comarca, no qual figura como inventariante e cabeça de casal a sua viuva Rosa de Miranda, moradôra na mesma freguesia—correm editos de trinta dias citando o interesado Antonio Julio, solteiro, maior, ausente em parte incerta para Buenos Aires, para em tal qualidade assistir a todos os termos até final do inventario a que se alude, deduzindo nele os seus direitos, fazendo-se representar, querendo, tudo nos termos da lei, com a pena de revelia e sem prejuizo do regular andamento do mesmo inventario.

Barcelos, 17 de Outubro de 1913.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,
Arriscado de Laderda.

O escrivão do 3.º officio,
Porfirio Antonio da Silva.

Regimento d'Infanteria n.º 8

3.º Batalhão

ANUNCIO

2.ª PRAÇA

O conselho eventual do referido batalhão faz publico que no proximo dia 10 de Novembro futuro, pelas 13 horas, se hade proceder á arrematação dos seguintes generos: assucar de 1.ª qualidade refinado, chouriço de carne, 1.ª qualidade, bacalhau in-

glês, de 1.ª e 2.ª qualidades, cabeça de porco, toucinho entremeado para ração, toucinho gordo para tempero, azeite d'oliveira de 1.ª e 2.ª qualidades, pingue de porco, batata, lenha, sal, carneiro e vinagre de vinho.

O caderno d'encargos para esta arrematação acha-se patente, na secretaria do citado conselho, aonde pode ser consultado, todos os dias uteis das 11 ás 13 horas.

As propostas devem ser entregues ao secretario do conselho eventual acompanhadas da quantia de 20\$00 escudos como caução provisoria.

Quartel em Barcelos, 28 de Outubro de 1913.

O Secretario do Conselho Eventual,

José de Mancelos Sampaio
 Capitão.

Revogação de mandato

Margarida Maria, solteira, creada de servir, natural e residente nesta vila de Barcelos; anuncia, nos termos do § 1.º do art. 646 do Cod. do Proc. Civil, para os efeitos legais, que revoga o mandato que conferiu a favor de João Carlos de Lima, casado, official de diligencias do juizo de direito desta comarca e residente nesta vila.

Barcelos, 1 de Novembro de 1913.

Pela anunciante:

O Solicitador,

João Baptista da Silva Correia.

Regimento d'Infanteria n.º 8

3.º Batalhão

ANUNCIO

O conselho eventual do referido batalhão faz publico que não tendo ninguem comparecido á arrematação dos concertos no calçado para as praças deste batalhão pelo prazo de um ano que principiará em 1 de Janeiro de 1914 e terminará no dia 31 de Dezembro do mesmo ano, conforme tinha sido annunciada para o dia de hoje, que terá logar nova arrematação para o mesmo fim no proximo dia 8 de Novembro pelas 13 horas.

O caderno de encargos acha-se patente todos os dias uteis na Secretaria do já citado conselho.

Os concorrentes farão acompanhar as suas propostas da quantia de 15\$00 como caução provisoria.

Quartel em Barcelos, 25 d'Outubro de 1913.

VENDE-SE OU ALUGA-SE

A casa onde esteve instalado o Hotel Roriz.

Para informações falar a Antonio Augusto de Almeida de Azevedo ou Joaquim Afonso Pereira, desta vila.